

DA EXPERIÊNCIA DO USUÁRIO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: OLHARES EM CONSTRUÇÃO

Claudia ERTHAL¹

Resumo: Este trabalho trata da formação da docilização dos corpos, da colonização da sensibilidade e mercantilização da atenção dos Usuários de Internet. Este sujeito comunicacional é entendido aqui como um desenvolvimento a partir do contato tecnológico e da bagagem acumulada ao longo do tempo iniciando com o Observador do século 19, passando pelo Espectador do século 20 se transformando no Usuário do século 21. Os três sujeitos são vistos como um sujeito híbrido e múltiplo que descortina a técnica através do contato com a tecnologia transformando essa técnica em conhecimento e em bagagem cultural num contexto de Usuário em movimento. Ele se aproxima da figura do *Flanêur* de Benjamin no contexto de quem utiliza dispositivos móveis durante o seu próprio movimento e que, a partir de marcações geolocalizadoras, estabelece um discurso geopolítico e crítico do ambiente frequentado.

Palavras-chave: Atenção; *Flanêur*; Redes Sociais.

Abstract: This article delves into the docilization of the bodies related to the colonization of sensibility and commodification of attention of the Internet Users. This communicational subject is understood here as a development from the technological contact and the background produced along with the 19th century Observer, going through with the 20th century Spectator, turned into the 21st century User. These three subjects are seen as one only hybrid and multiple one, which reveals the technique from the contact with the technology transforming this technique into knowledge and cultural background within a ‘Users in movement’ context. This subject approaches himself/herself of the Benjamin’s *Flanêur* character within the context of whom uses mobile devices throughout its own movement and that from its own GPS locator marks establishes a geopolitical and critical discourse about the places visited.

Keywords/Palabras clave: Attention; *Flanêur*; Internet.

A figura de um sujeito comunicacional aqui denominado de Observador, teve o olhar transformado durante o século 19 e na virada para o 20 com mudanças na arquitetura que trouxeram as Passagens de Benjamin, uma nova forma de convívio e comportamento, de circulação de informação e mercadorias. O uso do espaço público foi modificado e o Observador/*Flanêur* encontrou na cidade o local do olhar, da crítica e do ser. Acompanhado pelas transformações tecnológicas dos dispositivos pré-

¹ Doutora em Meios e Processos Audiovisuais com a tese **Da experiência do usuário midiático contemporâneo: olhares em construção** e mestra na mesma área em estratégias de programação de TV aberta no Brasil com a dissertação **Um domingo qualquer - estratégias de grade de programação de televisão aberta no Brasil**, ambos os cursos pela ECA-USP. Jornalista especializada em audiovisual com ênfase em produção de conteúdo para TV, Internet e Cinema. claudiaerthal2@gmail.com

cinematográficos e fotográficos, reconfigurou o olhar e se ressignificou como sujeito. Trouxe consigo uma noção de lugar e de local público que influenciou a maneira de ser de um modo definitivo. Inicia-se um caminho que trata da evolução/transformação do sujeito ainda contemplativo/passivo exposto a atos comunicacionais que podem ser visualizados como passíveis de crítica. A reflexão começa com o próprio *Flanêur* na cidade: um sujeito em movimento que busca entender o seu local social e cultural.

O contato com a cultura de novas mídias que conduzem para uma sociedade do espetáculo sempre associado à tecnologia, transforma o Observador e Espectador um sujeito midiático passivo marcado pelas transformações ao longo do século 20. Ele começou a pavimentar um caminho de atuação como elemento fundamental e balizador das mídias.

O acesso ao audiovisual tornado pouco a pouco permanente, construiu mais uma etapa na configuração do olhar, ressignificando o sujeito que buscou interferir interagir na produção de informação, declarando preferências e conseguindo optar pelo tipo de produção que queria estar em contato. Outro aspecto e que diz respeito ao contato com a Televisão, foi a ação de remontar as opções de programação a partir de um maior controle sobre os produtos que o afetavam. Como Espectador, ele já demonstrava a construção de um perfil estabelecendo preferências e determinando direcionamentos sobre os produtos com os quais desejava ter uma experiência.

Na era da Internet doméstica e de relacionamentos eletrônicos, o Espectador passa a ser um Usuário de mídias e dispositivos com uma postura de atuação de um novo crítico, ele utiliza tanto a informação que lhe é dada, como também impõe preferências através do perfil estabelecido nos acessos à Internet. Construiu uma bagagem cultural de uso da tecnologia que permite uma facilidade no contato tecnológico e auxilia a também produzir informação mantendo assim uma conexão sempre mais intensa com a tecnologia.

O Usuário um passivo/ativo que se faz visível numa união de necessidades e possibilidades. A existência está condicionada à visibilidade e à ação que fará com que este novo sujeito descortine modos de ser e de estar para si próprio e para os ambientes que frequenta.

Quando se percebe o Usuário e seus sujeitos anteriores percebe-se que ele pode ser híbrido de Usuário/*Flanêur* do século 21, quando utiliza uma mobilidade físico-

tecnológica através da prática com os dispositivos móveis. Ele está na cidade/ambiente e atua todo o tempo como um crítico. Movimenta-se, demonstra localizações traçando mapas referenciais e políticos. A localização é uma fala que discursa sobre o local, status sócio econômico, desejos e memórias. São marcações determinantes para a visibilidade do sujeito. Portanto, o sujeito desta reflexão não significa um igual, mas o múltiplo, o híbrido, um diverso que permeia e é permeado pelas várias narrativas que se desenrolam a partir do contato com a tecnologia que incorpora e se deixa incorporar pela contemporaneidade; deseja estar nela e traz consigo esta carga cultural/tecnológica adquirida.

Ele se posiciona numa mesma frequência do *Flanêur* à medida que lida com a novidade, o agrupamento – antes, nas Passagens e agora nas redes sociais – com o experimento do novo que lhe é imposto todos os dias e que o Usuário aprende e utiliza e reaprende e reutiliza: uma rotina conhecida na prática cotidiana contemporânea.

O Usuário é atuante. Ele tem a perspectiva do sistema que o mantém e o incorpora. Mas, ao mesmo tempo, reage e debate tudo isso em busca de um processo de passagem e de sentido. É um ser social e uma forma de estar em sociedade que tem na transitoriedade uma característica do que se pode chamar de ‘existência Usuário/*Flanêur*’.

Usuário: *Flanêur* e Dócil

Em um de seus primeiros *posts* de 2018, o criador e dono do *Facebook*, Mark Zuckerberg disse que o foco do ano é “garantir que o tempo que todos nós passamos no *Facebook* seja um tempo bem gasto...”². Seria este um “tempo bem gasto” como recompensas para que os Usuários do *Facebook* não se frustrem com os posts ruins, notícias falsas (*fake news*), vídeos desnecessários? Ou seria o tempo despendido em busca de preencher um vazio interior que se constrói a partir do hábito de acessar a rede social com frequência e de criar uma expectativa, ansiedade, um devir que pode nunca se realizar e mais frustra do que preenche vazios: navegando à espera de *likes*, respostas, e pertencimentos? Além do acesso à informação, esta união de expectativa e realização

² “Continuing our focus for 2018 to make sure the time we all spend on Facebook is time well spent...”
Postado em 19 de janeiro de 2018. [tradução desta autora]
Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck> Último acesso em 22 de outubro de 2018.

é uma busca na Internet em geral e nas redes sociais em particular. O *Facebook* parte do princípio de que relação acontece quando desejamos em comum e compartilhamos os desejos que se estabelecem a partir de novidades transformando a vida em espetáculo novidadeiro permanente, um terreno perene de criação de expectativa.

O consumo e o reconhecimento das mercadorias “estão no centro desta pseudo-resposta de uma comunicação sem resposta” de Debord (2003, p. 164). O consumidor sente necessidade de imitar de uma maneira “condicionada por todos os aspectos da sua despossessão fundamental” (Idem). Trata-se de um Usuário/*Flanêur* consumidor e ‘crítico da cidade’ e das suas novidades e estímulos, que transita pelas Passagens da Internet como o *Flanêur* do século 19 atendia à fantasmagoria da novidade.

Para atender ao chamado do contato social na rede é necessário tempo e uma mercadoria valiosa da contemporaneidade: a **atenção**. O jornal *The New York Times* calculou que em 2016 os usuários do *Facebook* nos Estados Unidos passavam 50 minutos por dia dedicados à rede social.³ Para compreender de que atenção se fala, é importante olhar dois autores que dialogam entre si: Franco Berardi e Michel Foucault.

Berardi trabalha com três ideias: A **impotência** que nos impede de descrever o presente; a **possibilidade** como uma força crescente do conhecimento; e o **poder** que é uma máquina de tornar as pessoas invisíveis, de organização da visão, quando diz que a partir das estruturas de poder, “nós somos capazes de ver algumas coisas e incapazes de ver outras”⁴, porque o poder nos permite ver apenas o que deseja que seja visto. O Usuário utiliza opções fornecidas pelos produtores e gestores da informação eletrônica e, com o acesso, deixa claro as suas preferências que serão atendidas, ou não, a partir do ponto de determinações ideológico-algorítmica de quem tem o poder sobre este material. Há ainda a possibilidade de troca de sites ou outras alternativas que residem na produção do seu próprio material e que, de modo geral, irá depender de gestores dos canais hegemônicos de informação para veicular um produto ainda que com ingerência sobre o conteúdo, mas sempre sujeito à regras estabelecidas pelo processo de difusão.

³ Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/06/business/facebook-bends-the-rules-of-audience-engagement-to-its-advantage.html> Último acesso em 22 de novembro de 2018.

⁴ Palestra *Futurability – The Age of Impotence and the Horizon and Possibility*, proferida em 25 de maio de 2017 no Institute of Contemporary Arts (ICA), de Londres. Tradução desta autora. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=licAVwkw2zM> Último acesso em 22 de outubro de 2018.

Berardi dialoga com Foucault quando este defende que a sensibilidade como pertencente ao âmbito da episteme como “a estruturação da percepção social que reforça a projeção unitária do mundo e leva à disciplina social”. (FOUCAULT, 1999 *in* BERARDI, 2015, p. 38) Os corpos podem ser habitados por estímulos, vibrações, forças, ideias e serão moldados à maneira dos sistemas sociais que determinam formas de controle. Para Foucault é possível trabalhar o corpo em três esferas: em **escala**; em **objeto** e em **modalidade** (Idem, 1977, p. 126) e o poder é exercido de “acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos”. São métodos de controle do corpo e “sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. (Ibidem)

Os esquemas de docilidade determinados por Foucault demonstram as formas de maquinaria do poder que estabelecem a sujeição do indivíduo a um determinado processo com a disciplina sendo a “anatomia política do detalhe” (Ibidem, p.128) que se volta para a construção de um tempo útil na sua totalidade. O tempo “bem gasto” do qual fala Zuckerberg é o tempo útil, aquele que não pode ser desperdiçado e deve ser sempre monetizado.

Na Internet o tempo útil acontece de maneira permanente. É um encontro entre o Usuário e o seu centro disciplinar eterno. Já não apenas fisicamente, mas mentalmente. O físico tem que ter disposição para a atividade de passar horas em contato com um dispositivo. Quando Foucault discorre sobre o controle da atividade falando do horário; da elaboração temporal do ato; do corpo e os gestos postos em correlação; da articulação do corpo-objeto e da utilização exaustiva, afirma que o poder se coloca por inteiro e ocupa toda a superfície que estiver entre o corpo e o objeto manipulado, penetra e é penetrado construindo um ambiente de aderência total, neste caso, entre Usuário e dispositivo. É possível perceber que a atual moldagem do corpo em função do uso dos dispositivos eletrônicos como *games* e *smartphones*, pede posturas físicas antes não exigidas com o objetivo de dedicar toda a atenção ao ato de responder às demandas. O que se exige do Usuário é atenção e a perseverança da atenção para responder às demandas do ambiente que frequenta. São novas técnicas de apropriação temporais, que determinam as “relações do tempo, dos corpos e das forças; para realizar uma acumulação da duração; e para inverter em lucro ou em utilidade sempre aumentados o movimento do tempo que passa”. (FOUCAULT, 1977, p. 142)

É a organização do tempo rentável que exige, atenção para respostas rápidas, aquisições, compras por impulso, reações às postagens, anúncios, ações multitarefas, que monetizam todas as ações. Estamos diante de um momento em que a imensa fortuna em forma de tempo e atenção é fornecida de graça com a participação dos Usuários na rede comandada por corporações que determinam a circulação de valores, símbolos e informações e modelam as novas formas de vida do século 21 através dos seus respectivos negócios.

Colonização da sensibilidade 24/7

A expansão do espaço cibernético que implica “na aceleração do tempo cibernético, tem efeitos patológicos nos terminais vivos, na mente humana com os seus limites físicos emocionais e culturais”. (BERARDI, 2015, p. 42)⁵ É uma preocupação de Berardi quando fala que as multitarefas exigem mudanças rápidas entre estruturas de informação e que a mente humana parece apropriada para a realização de várias tarefas simultâneas. No entanto, ao fazer isto “dispara uma mutação psicológica, produzindo novas formas de sofrimento mental. Vive-se atualmente num universo cíclico e opressivo de socialização forçada: para produzir e trabalhar é necessário estar conectado, e esta ação significa trabalho. Diz que “a obsessão econômica traz uma permanente mobilização de energia produtiva”. (2015, p. 42) Cita Crary quando o ele diz que “esta é a forma do progresso contemporâneo – a conquista incansável e controle do tempo e da experiência”. (CRARY *in* BERARDI, 2015, p. 42). A atenção se torna um produto raro quando não se tem mais tempo para ter atenção, uma vez que quase não há tempo para tomar decisões. As informações chegam de uma maneira mais automática e por isso Berardi prevê que seremos governados por decisões que não respondem a estratégias racionais de longo prazo, mas por simples alternativas binárias.

O semiocapitalismo⁶ é baseado, segundo ele, em uma constante exploração da energia mental, e a competição que constitui a forma geral das relações no precário mercado de trabalho, o sofrimento mental se tornou epidêmico e a principal fonte de patologias atualmente é a competição na área das relações interpessoais. Os sintomas

⁵ Tradução desta autora.

⁶ Para uma compreensão do Semiocapitalismo, recomendo a leitura do artigo de Richard Foster sobre o livro de Berardi. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570100-o-semiocapitalismo> Último acesso em 22 de outubro de 2018.

individuais desta epidemia são o estresse constante com a atenção e a redução do tempo disponível para o afeto, que gera, por exemplo, solidão, miséria existencial, angústia, exaustão mental, pânico e depressão. Neste sentido, a psicopatologia e a economia estão cada vez mais ligadas e “na transição para o semiocapitalismo, o sofrimento mental não diz mais respeito a uma pequena minoria de gente estranha, mas tende a se tornar a norma num sistema que é baseado na exploração do precário trabalho cognitivo”. (BERARDI, 2015, p. 46)

A Internet e seus usos se delineia num campo semelhante aos das práticas de atenção que “oferece uma superfície única heterogênea onde objetos discursivos, práticas materiais e artefatos de representação não ocupam estratos qualitativamente diferentes, mas estão envolvidos por igual na produção de efeitos de poder e novos tipos de subjetividade” (CRARY, 2014, pp. 30 - 31).

Criados a partir da teoria do 24/7, uma abreviação da atividade praticada vinte e quatro horas por dia e que se refere aos expedientes intermitentes de trabalho e de fornecimento de serviços. A Internet atua na frequência do 24/7 e é pensada como o eternamente *online*. E porque tudo está sempre à disposição, o Usuário também está conectado 24/7, não importa o local de onde fala. Com o ser humano que nunca desliga, se dá um aniquilamento de singularidades como locais e acontecimentos, onde o único ‘local’ que se frequenta é a própria rede. E se este é apenas um efeito colateral das exigências institucionais contemporâneas, a preocupação com o desenvolvimento humano se torna ainda maior quando há o que Crary chama de “espoliação das tessituras complexas e das indeterminações da vida humana por 24/7 [quando] incita, simultaneamente uma identificação insustentável e autodestrutiva com suas exigências fantasmagóricas”. (Idem, p. 40)

Corpo dócil e remoldado

A percepção de ‘docilidade’ do corpo e da mente do Usuário acontece quando ele já não conhece outra realidade a não ser a de estar conectado. Por vezes até crítico, talvez, mas integralmente dependente desta realidade comunicacional para a inserção social. Corpo e mente estão de maneira única moldados para isso.

O Usuário é a primeira geração da espécie humana a ser totalmente conectada

dentro dessas condições tecnológicas. Necessita de sistemas de admissão e controle que incluem ao mesmo tempo em que excluem. E, ao exigirem atenção permanente, proporcionam o que Crary define como um “aniquilamento calculado da própria noite” (Ibidem, p. 42). Tendo como base as experiências militares dos Estados Unidos com modelos de bombardeio, medo, opressão e um tipo soldado que nunca dorme entre as estratégias, Crary reforça a aspereza da solidão e da submissão ao abandono que a ideia de uma cultura 24/7 denota: “a destruição do dia tanto quanto diz respeito à extinção da escuridão e da obscuridade (...) [como] parte de uma imensa incapacitação da experiência visual”. (Ibidem, p. 43) Conclui que “com um menu infinito e perpetuamente disponível de solicitações e atrações, 24/7 incapacita a visão por meio de processos de homogeneização, redundância e aceleração”. (Ibidem, p. 43) Crary acredita na transição constante com um consumo ininterrupto provocado por uma simulação contínua do novo e numa realização que talvez seja estar sempre em busca do novo, nas Passagens onde todos se aglomeram no devir fantasmagórico do presente. O presente 24/7 é constituído de “objetos individuais de competitividade, promoção, aquisição, segurança pessoal e conforto à custa dos outros.” (Ibidem, p.50). Se no século 19 eram os projetos industriais que chamavam a atenção, no século 20 o consumo estava ligado às “fórmulas de regulação e obediência sociais” (Ibidem, p.51), já o Usuário do século 21 é um sujeito reconfigurado na troca de informações e mercadorias simbólicas dentro de uma percepção de que não é a rede que foi necessariamente acessada pelo Usuário, mas este que foi acessado pela rede ao se conectar e tem a existência transformada num estado de conexão permanente com novidade eterna como objetivo. É quando acontece a necessidade de suprimir o sono em nome da atenção, produção e visibilidade.

A Internet é produto bem acabado do capitalismo contemporâneo que preza pela reorganização do tempo fundamentada numa monetização do capital que se movimenta desconsiderando as fronteiras físicas e nações e segue em busca do consumidor/Usuário. Dentro da perspectiva do sistema 24/7 há também uma ideia de fluxo contínuo de informação alojando o Usuário numa temporalidade permanente com uma padronização das emoções e “aplainamento das subjetividades”. (CRARY, 2014, pp.71-72)

São os consumidores/Usuários que atuam num presente contínuo e passam a pertencer a um fluxo eterno de novidades tecnológicas que se acomodam e dependem das

rotinas. A vida muda na medida que muda também o controle dela, assim como os aspectos do descarte e da morte social ou digital.

Há um constante apagamento do passado para uma construção de um presente fantasmagórico através de uma ilusão de escolha dentro de um sistema global de autorregulação. Para Crary, reside aí um colapso das esferas de lazer e de trabalho, devido a uma obrigação de olhar imagens, dentro de uma ideia do que Foucault chamou de rede de observação permanente. A regulação do comportamento e padrões de normatização do conhecimento se dá na transformação da atenção em operações e respostas repetitivas que se sobrepõem ao ato de olhar e de escutar fazendo com que o olhar passe a se fixar num fluxo de informação e nas possíveis formas determinadas para atendimento às demandas do acesso à rede. Há um remodelamento do corpo do sujeito comunicacional num “corpo sem fadiga”⁷ como era o sonho do século 19 industrial e que hoje se mostra dócil e pronto para dedicar atenção e atender às demandas.

O Espectador do século 20 foi criado naquilo que pesquisadores chamam de “economia de atenção”. Gerações foram moldadas pelo audiovisual a partir do contato com tecnologias como Rádio, Cinema e Televisão e o Espectador foi gerando um Usuário/Espectador otimizado e Ator/Produtor do próprio meio. A relação entre o sujeito e a tecnologia passa a ter um caráter de uso permanente e se torna um fator dominante. A transição para o computador pessoal modifica o cenário do Espectador estável passivo para um Usuário passivo/dócil do computador.

Este novo sujeito possui mais recursos de mídia, é ativo na rede de informações, mobiliza hábitos e rotinas e sabe utilizar dispositivos tecnológicos como nunca antes. Vive um estado de necessidade de pertencimento aliado ao da solidão eterna. Do seu lugar de manifestação, seja como ator/espectador ou como ator que interfere ou produz

⁷ “Atrás dos tratados científicos e filosóficos estava o sonho das classes médias do final o século XIX – um corpo sem fadiga” (RABINBACH, 1992, p. 44). Há também o ensaio de Carlos Herold Júnior sobre as “perspectivas no estudo da corporalidade e da educação no capitalismo contemporâneo” esclarece que a posição do corpo “nas rotinas produtivas perde a condição de ser um traço obviamente importante a partir da década de 30 do século XX, passando pelas décadas de 40, 50 e 60 ofuscada pelo desenvolvimento das ciências cognitivas. Manovich (1993, s.p.) afirma que, nessas décadas, o movimento analítico daqueles que pensavam o trabalho pôs de lado o *human motor* (ou o corpo trabalhador), valorizando um novo ‘instrumento’: a mente. Jorda (1999) fala em ‘homem-sistema’ para pensar o perfil do trabalhador visto como elogiado nesse período”. (HEROLD JÚNIOR, 2012, p.18)

conteúdo, ele é sozinho porque seus atos são buscas de possibilidades e uma ilusão do encontro de Debord num cenário de espetáculo midiático. (DEBORD, 2003, P.163)

Faz-se necessária uma reflexão que conduza a lugares menos colonizadores da sensibilidade por caminhos que permitam reconceber experiências individuais e que tratem de uma reificação do indivíduo, agora um sujeito que “cria concepção de si, que otimiza ou viabiliza participação em ambientes e velocidades digitais”. (CRARY, 2014, p. 109) A questão de como permanecer humano diante de um mundo deslocador se desenha num cenário contemporâneo que não pressupõe subjetividades. A coleta de dados permanente transforma a privacidade em algo impossível e os sujeitos em vigilância eterna. Crary afirma que empobrecemos sensorialmente, e que a redução da percepção, do hábito e as respostas programadas “são resultados inevitáveis de nosso alinhamento aos inúmeros produtos, serviços e ‘amigos’ que consumimos, administramos e acumulamos durante a vigília”. (Idem, p.114)

Diante de um contexto de trabalho eterno, duas formas de poder estariam em jogo: “o político, que se despedaça, e o poder neurológico técnico cognitivo e neural [*neural power*], que cresce de maneira cada vez mais intensa, onipresente e inevitável” (BERARDI) ⁸. A dominação neurológica em busca de um cérebro global como uma forma de “neurototalitarismo” se coloca, na opinião de Berardi, no centro de um processo que deve ser desarmado e como um grande problema político e filosófico que enfrentamos no contemporâneo.

A partir de Crary e Berardi elucidam-se os aspectos da reflexão sobre o apagamento da ideia do ‘outro’, de si mesmo e de como a cultura na internet traz ao Usuário uma preocupação com o local de onde ele fala. No entanto, também implica em trazê-lo para uma globalidade que pode não representá-lo de maneira real e de um lugar de cultura que deixa dúvidas sobre 1) se ele se tornou invisível; 2) se ele se tornou cultural na medida da necessidade do meio utilizado, ou ainda 3) se o local da cultura passa a ser o local onde o próprio Usuário está e de onde fala. Não se trata de um local necessariamente físico, mas de uma fantasmagoria do presente. As duas primeiras possibilidades parecem contidas nesta última e integram uma narrativa comum, o que deixa o local onde o Usuário está como a noção da própria **Passagem** que atende na contemporaneidade pelo nome de **rede social**.

⁸ Palestra I.C.A – Londres – tradução desta autora.

O sono para Crary é atualmente a única fronteira disponível para se contrapor ao capitalismo que tudo transforma em mercadoria e tem na atenção um de seus bens mais valiosos. Seria, então, uma das únicas experiências contemporâneas na qual estamos sob o cuidado de outros e numa relação mútua de apoio e de confiança, mas também num momento de “liberação periódica da individuação – um desemaranhar noturno da trama frouxa das subjetividades rasas que habitamos e administramos durante o dia”. (CRARY, 2014, p. 134) Torna-se, assim, uma liberação do que ele chama de “permanente continuidade”, um “retiro da nulidade e esterilidade calamitosa da práxis 24/7”, (Idem, p. 135) e um momento em que recuperamos sensibilidade e atenção.” Nesta perspectiva, a ausência daquele que dorme contém uma “ligação com o futuro, como uma possibilidade de renovação e, assim, de liberdade”. E diz ainda que no século 21, a perturbação do sono

“possui uma relação mais problemática com o futuro. Localizado em algum lugar na fronteira entre o social e o natural, o sono garante no mundo a presença dos padrões sazonais e cíclicos essenciais à vida e incompatíveis com o capitalismo. (...) Nesse contexto, a inércia restauradora do sono se coloca contra a letalidade de toda a acumulação, a financeirização e o desperdício que devastam tudo aquilo que se costumava chamar de domínio comum”. (Idem, p. 136)

O Usuário é ao vivo e efêmero como as *lives* do *Facebook* como as *Stories* do *Instagram*⁹. Neste *Sujeito Múltiplo* o Observador/Espectador/Usuário concentra peculiaridades de cada um dos três sujeitos e transporta ao longo do percurso temporal-tecnológico a sua bagagem cultural.

A colonização da sensibilidade e a mercantilização da atenção

O sujeito múltiplo Observador/Espectador/Usuário/*Flanêur* está conectado por estímulos semelhantes em épocas distintas. Dentro dessa linha temporal eles se transformam um no outro e se desenvolvem no contato com a tecnologia, o motor da história que os une em todos os momentos pela **atenção**. A “indústria [da informação,

⁹ Recurso de postagens de fotos que se interconectam contando uma breve estória e que desaparecem da rede social depois de 24 horas.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931057-com-50-milhoes-de-usuarios-brasil-e-segundo-no-ranking-do-instagram.shtml> Último acesso em: 22 de outubro de 2018.

neste caso], cujo negócio principal é a influência da consciência, pode radicalmente moldar como nossas vidas são vividas”. (WU, 2017, p. 6)¹⁰

Tim Wu e Byung-Chul Han tratam de assuntos que se interpenetram: a mercantilização da atenção do primeiro e os extremos da atenção e da exaustão vividos atualmente, com o segundo. A Internet exige atenção e ação, e mesmo que pareça muito banal o fato de acessar uma página ou rede social, já é suficiente para que a atenção capturada seja utilizada para desenvolvimento de produtos e serviços; consumo de mercadorias; a monetização de empresas e a visualização de material na rede.

Gerações anteriores poderiam sentir sua privacidade invadida pela televisão que retirava as pessoas do convívio para assistir as poucas horas diárias de programação que a TV exibia no início. Depois aprenderam a conviver assistindo TV. Posteriormente, cada um no seu cômodo da casa com a sua própria TV. Assim a atenção foi sendo aos poucos colonizada e, da mesma forma, acontece com a sensibilidade. Wu lembra que gerações bem mais recentes “achavam impressionante que sem remuneração ou muitos protestos nossas redes de contatos familiares, de amigos e conhecidos tenham sido recrutados pelas mídias sociais para ajudar a vender coisas para nós”. (Idem) E conclui que atualmente “a maioria de nós carrega dispositivos nos corpos, que o tempo todo encontram maneiras de comercializar as menores partículas do nosso tempo e nossa atenção” (Idem). Basicamente tudo o que puder ser vendido, capturando atenção em troca de um conteúdo ‘gratuito’.

Os hábitos mudam e certamente essa dependência da rede irá se transformar em outra forma de circulação de mercadorias e de modelagem do sujeito comunicacional. Mas a rede certamente não vai desistir dos Usuários e vai encontrar uma maneira de penetrar ainda mais no seu cotidiano, rotina, privacidade, sem que precise necessariamente estar direcionando atenção para o dispositivo todo o tempo. Inverte-se o jogo, mas não o ganhador. A depender da realidade de cada um, o sujeito talvez não saberá mais se ele dedica atenção por opção ou por que está programado para isso e não tem escolha a não ser estar em estado de atenção. “É o risco de viver. As nossas vidas passaram a ser menos nossas do que imaginamos”. (Ibidem, p.7)

Embora o individualismo seja uma característica dos dias atuais, o Usuário busca grupos na rede, o que torna mais difícil o ato subjetivo de se desconectar. O

¹⁰ A tradução dos textos de Tim Wu foram feitas por esta autora.

tempo da reflexão se tornou outro. Um tempo quase sem tempo. A reflexão – quando há – acontece simultaneamente à ação porque os intervalos são raros. Neste contexto, existe uma demanda dos fluxos de trabalho contemporâneos, cuja população jovem e produtiva integra uma sociedade prematuramente exausta por suas próprias demandas e que Han chama de **sociedade do cansaço**.

Assim como Berardi alerta para a exaustão mental e consequências patológicas, ele alerta que o Usuário vive numa sociedade de excesso de positividade, de estímulos, informações e impulsos e também para a transformação da estrutura e da economia da atenção tão fragmentada. Também discorre a respeito da crescente sobrecarga de trabalho “que tem efeitos novamente na estrutura da atenção”. (HAN, 2015, p. 31) Num contexto analítico, diz que a hiperatividade é fazer o eterno sem pausas, sem liberdade para o ‘não fazer’ e, conseqüentemente, para o pensar, refletir, existir para além da atividade, expondo assim o ‘risco’ de pensar a respeito dela: “a hiperatividade é paradoxalmente uma forma extremamente passiva de fazer, que não admite mais nenhuma ação livre. Radica-se numa absolutização unilateral da potência positiva”. (Ibidem, p. 58) Portanto, a partir do ponto de vista de Han, a positividade excessiva é um elemento tornado *‘status quo’* na sociedade em rede e gera uma demanda saturante que causaria depressão e esgotamento, uma vez que a violência da positividade não é privativa e porque “não é o imperativo de obedecer apenas a si mesmo, mas a *pressão de desempenho*”. (Ibidem, p. 27)

A busca pela atenção do Usuário é mais profunda e possui um grau de detalhamento que não se buscava no século 20 do Espectador ou no 19 do Observador. Como eles são uma transformação de um no outro, a busca pela atenção do sujeito comunicacional também evoluiu para o que se vive hoje. Os estímulos aos quais cada um é submetido são muito semelhantes, guardadas as devidas proporções de temporalidade.

Há que se reforçar que o Usuário estabelece sua existência no transitório e no efêmero da comunicação em rede e que sua existência como Usuário se dá quando dentro deste sistema. Berardi questiona se faremos a desconexão de um mundo tecnológico-financeiro-autômato e partir para uma evolução neurológica: “os seres humanos serão capazes de encontrar uma nova linguagem conjuntiva no mundo

conectado dos códigos digitais? Será que o prazer, o afeto e a empatia encontrarão maneiras de reemergir fora de um ordenamento conjuntivo?” (BERARDI, 2015, p. 338)

Embora nem todas as visões sobre a vida em rede compartilhadas aqui sejam otimistas tentam, no entanto, levantar questões e críticas da contemporaneidade. Acredita-se que há maneiras de construir realidades com mais autonomia, subjetividades e liberdade e que os Usuários - que somos todos nós - possam “individual e coletivamente, fazer a nossa atenção ser nossa de novo e, então, reivindicar a posse de cada experiência da vida”. (WU, 2017, p. 353)

REFERÊNCIAS

_____. **Passagens**. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imesp, 2006[1935].

_____. **Baudelaire e a modernidade**. São Paulo: Autêntica, 2015.

BERARDI, Franco “Bifo”. **And phenomenology of the end**. South Pasadena, Estados Unidos: Semiotext(e), 2013.

_____. **The Soul at work – From alienation to autonomy**. South Pasadena, Estados Unidos: Semiotext(e), 2009.

CRARY, Jonathan. **Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

_____. **Suspensões da percepção: atenção, espetáculo e cultura Moderna**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

_____. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GALLOWAY, Alexander R. **The interface effect**. Malden, Estados Unidos: Polity Press, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HAN, Byung-Chul, **A Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. In: Scientiæ Studia, v. 5, n. 3, p. 375-98, São Paulo: Departamento de Filosofia – FFLCH – USP, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Television: technology and cultural form**. Londres, Inglaterra: Routledge, 2003.

WU, Tim. **The master switch: the rise and fall of information empires**. Nova York, Estados Unidos: Vintage Books, 2010.

_____. **The attention merchants. The epic scramble inside our heads**. Nova York, Estados Unidos: Vintage Books, 2016.

SITES - Último acesso em: 22 de outubro de 2018.

www.facebook.com

<https://archive.ica.art/bulletin/video/franco-bifo-berardi-futurability>

<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2017/10/1931057-com-50-milhoes-de-usuarios-brasil-e-segundo-no-ranking-do-instagram.shtml>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/570100-o-semiocapitalismo>

<https://www.nytimes.com/2016/05/06/business/facebook-bends-the-rules-of-audience-engagement-to-its-advantage.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=licAVkwz2zM>